GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS EM DIÁLOGO

DIÁRIO – 01 de abril de 2025

Apresentadores/*Autor*/Participantes:
Sabrina e Danielle/*Thalia*/ André, Augusto, Bruna, Cristiane, Daniel, Josiane, Lucas B., Lucas P., Stefany, Thiago.

Referência

Nascimento Martins, K., Corrêa de Paula, M., Pinca Sarro Gomes, L., & Evangelista dos Santos, J. (2022). O software IRaMuTeQ como recurso para a análise textual discursiva. **Revista Pesquisa Qualitativa**, *10*(24), 213–232.

FREITAS, Diana Paula Salomão de. **A prática de pensar a prática de formação acadêmico-profissional de professoras(es) de Ciências da Natureza:** Estética do formar-se ao formar. **Tese** (doutorado), 150 f. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e Saúde, Rio Grande, RS, 2015. p. (54-58).

A discussão do encontro se deu por conta do grupo estar pensando em possibilidades para o processo de ATD, principalmente no que tange a análises muito extensas que abrangem inúmeras ou várias Unidades de Significado (US). Sendo assim, surge a necessidade de estudar a utilização de *softwares* que trariam maior facilidade para o processo, mas sem comprometer o rigor e o contato do pesquisador com o *corpus* de análise.

O encontro iniciou com as apresentadoras contextualizando a formação dos autores do artigo discutido e Daniele relatando que já entrou em contato, em uma disciplina da pós-graduação, com alguns *softwares* que poderiam ser utilizados como recurso para a ATD, como é o caso do *Atlas.ti*. Na sequência, para começar o diálogo da tarde, Sabrina traz o questionamento sobre quais são os principais desafios que o GEPECiD enfrenta ao realizar a ATD manualmente.

Dentre as falas dos integrantes do grupo, as dificuldades referem-se a: 1) organização e visualização das US; 2) Retirada de excertos; 3) Transcrição de materiais, como entrevistas; 4) Retomada das informações no processo de categorização; 5) Angústia em saber se o título criado reflete a ideia presente na US; 6) Quantidade de dados; 7) Construção das categorias.

Referente à última dificuldade, apontada inicialmente pelo Augusto, o grupo discutiu que uma das dificuldades em construir as categorias se dá, nos trabalhos coletivos, em concordar em como as US se aproximam para responder o problema de pesquisa, e em trabalhos mais individuais, como as Teses e Dissertações, foi apontado a preocupação em manter a fidedignidade para que as categorias de fato representem as possíveis respostas ao problema de pesquisa. Sendo assim, questiona-se: é possível fazer ATD de forma individual?

Em resposta, Lucas Pacheco pontua que a ATD é uma atividade social, sendo assim, cada sujeito carrega consigo um contexto, construído a partir de um coletivo, para realizar a interpretação sobre a pesquisa. Josiane, ainda, complementa que, por mais que a ATD, muitas vezes, seja feita só entre orientando e orientador, ainda assim o referencial teórico pressupõe a coletividade da construção de conhecimentos. Por fim, Sabrina também considera as ideias de Fleck ao pensar na pesquisa como um processo coletivo, assim, para ela, a ATD, consequentemente, também será.

Ademais, Cristiane, que trouxe a dificuldade sobre a quantidade de dados a serem analisados, questiona: a ATD funciona bem quando o corpus de análise é muito grande? Em uma pesquisa, com um corpus textual grande, a dificuldade de organização das US é ainda mais expressiva. Thiago comenta: nesse contexto, a ATD poderia funcionar a partir de categorias *a priori*?

Na sequência, as apresentadoras trazem um quadro com as diferenças e características dos dois softwares utilizados nos textos, sendo estes o *IRaMuTeQ* e o *Atlas.ti*. Dentre as diferenças, o *IRaMuTeQ* usa estatística lexicométrica, identificando padrões linguísticos e frequência de palavras, sendo assim ele é mais automatizado. Já o *Atlas.ti* enfatiza a codificação e interpretação manual, o que permite que o pesquisador organize e relacione as informações. No processo de ATD, permitiria uma melhor visualização e organização das US, que são construídas pelo próprio pesquisador. Em relação a isso, Bruna enfatiza a questão de que, dessa forma, o *Atlas.ti* permitiria que a análise continuasse a ser subjetiva. Mesmo assim, vale ressaltar que, enquanto o *IRaMuTeQ* é um software livre, o *Atlas.ti* é pago. Daniele também comenta que todos os *softwares* que temos acesso não foram criados especificamente para a ATD, mas sim são utilizados de forma a fazer aproximações.

Para deixar mais claro o funcionamento do *IRaMuTeQ*, já que os integrantes do grupo sentiram dificuldades em compreender a partir do artigo discutido, as apresentadoras trouxeram um vídeo em que é feita uma explicação mais detalhada. A partir do vídeo, Cristiane e Sabrina enfatizam que o *IRaMuTeQ* não funciona a partir de problemas de pesquisa, mas sim a partir da frequência das palavras presentes no *corpus* de análise. Sendo assim, Bruna comenta que por conta do vocabulário, algumas palavras irão aparecer mais e portanto o *software* trabalha de forma literal, sem considerar o contexto e a relevância das falas para um problema de pesquisa.

Em continuidade, as apresentadoras trouxeram uma simulação de uso do *IRaMuTeQ*, a fim de sanar as dúvidas sobre o seu funcionamento. Para tal, Sabrina colocou dois diários de encontro do grupo, que foram utilizados na semana passada como dinâmica. Ela ressaltou a necessidade de converter os arquivos em formato .txt, o que pode ser uma limitação, caso a pesquisa realizada possua arquivos em outros formatos.

Os resultados obtidos a partir desse teste demonstraram que o *software* trabalha a partir da frequência das palavras e tenta relacioná-las, fora do contexto original, a categorias. Lucas Brondani comenta que com essa forma de trabalhar se perde a riqueza de elementos dentro da ATD, especialmente porque distancia o pesquisador do *corpus* de análise. Ainda nessa discussão referente ao *IRaMuTeQ*, Thalia ressalta que muitas vezes, uma categoria emerge de poucas US, mas que nem por isso ela seja menos significativa para o problema de pesquisa, o que possivelmente seria desconsiderado pelo *software*. Bruna complementa que o *software* possivelmente não enquadra a mesma US em mais de uma categoria, o que muitas vezes ocorre e é importante em processos da ATD. Nesse sentido, Bruna trouxe o *Atlas.ti* como uma possibilidade, já que, diferentemente do *IRaMuTeQ,* ele permite uma análise a partir dos significados inseridos pelo pesquisador.

Em outro momento, Sabrina também enfatiza o *Atlas.ti* como um recurso mais interessante para o processo de ATD do que o *IRaMuTeQ*, em vista de preservar a autonomia do pesquisador e a subjetividade da pesquisa. Por fim, as apresentadoras trazem outras possibilidades de *softwares*, que já tinham sido mencionados ao decorrer da reunião por outros integrantes, como é o caso do *Nvivo* e o *MaxQDA*.

Dessa forma, o encontro foi importante para que o grupo ampliasse a sua compreensão sobre possibilidades de recursos tecnológicos dentro do processo da ATD. Entretanto, é necessário continuar essas discussões, de forma a buscar outros *softwares* que estariam mais alinhados à perspectiva da ATD. Por fim, mantém-se alguns questionamentos importantes para o encontro que teremos com a professora Galiazzi, sendo eles: “Existe algum software com maior sintonia com o processo da ATD? Que elementos ele deve possuir?” e “Como garantir que a interpretação humana continue sendo o ponto central da pesquisa?”.